
*São Paulo de todas as cores: cartografias
socioespaciais, imigrações e circularidade
de ideias em Santa Ifigênia*

*São Paulo of all colors: socio-spatial cartographies, immigrations and
circularity of ideas in Saint Iphigenia*

*Janaína Cardoso de Mello**

Resumo: O artigo trata da morfologia urbana do Bairro de Santa Ifigênia em São Paulo, na virada do século XIX para o século XX. Tem por objetivo apresentar a dinâmica de ocupação da região por cortiços, suas tensões e superação. A reflexão sobre a habitação e a imigração de pessoas, ideias e redes de solidariedade é feita a partir do relatório da “Comissão de Exame e Inspeção das Habitações Operárias e Cortiços no Distrito de Sta. Ephigenia”, de 1893, referências bibliográficas, plantas urbanas e dados estatísticos constantes de fichas do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Uma história de portugueses, italianos, espanhóis, sobretudo de brasileiros

Abstract: the article deals with the urban morphology of the neighborhood of Santa Iphigenia in São Paulo, at the turn of the 19th century to the 20th century. Aims to present the dynamics of occupation of the region by tenements, its tensions and overcoming. The reflection on the housing and immigration of people, ideas and networks of solidarity is made from the “Commission Report of Examination and Inspection of Housing Workers and Tenements in the District of Sta. Ephigenia”, of 1893, bibliographical references, urban plans and statistical data contained in the Public File records of the State of São Paulo in Brazil. A history of

* Pós-Doutoranda em Estudos Culturais pelo PACC da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em História Social pela UFRJ. Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Graduada em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta na Graduação em Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora no Programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). *E-mail:* janainamello@uol.com.br

nascidos ou adotados pela geografia paulista.

the Portuguese, Italians, Spaniards, especially of Brazilians born or adopted by geography paulista.

Palavras-chave: Santa Ifigênia. Imigração. Ocupação urbana. Cortices.

Keywords: Santa Iphigenia. Immigration. Urban occupation. Tenements.

Introdução

Quando se transita pelas ruas de São Paulo capital, como um *flâneur* do tempo presente, admirando os vários tons de cinza e vermelho que se imiscuem em prédios de comércio, residências e/ou indústrias culturais, distribuídos em ruas emaranhadas no intercruzamento de amplas avenidas percorridas no frenético vai-e-vem da multidão apressada que caminha ou é transportada em veículos contemporâneos, é possível ouvir as falas (mesmo no burburinho), sentir o aroma do expresso da tradicional cafeteria, ver o jornal com as notícias da manhã na banca da esquina e provar o gosto da garoa que esfria o clima, mas não a alma paulistana. Todos os sentidos em movimento nas cores de uma urbe intensa e cheia de histórias para contar no contato com uma diversidade de povos, com uma multiplicidade de culturas que tão bem conformam o Brasil como nação.

Dos bairros de afinidade e de experiência com um viver coletivo em meio às ideias destoantes em uma unidade que transforma a cidade para o bem comum, relata-se o seguinte:

Bom Retiro, Bó Ritiro dos italianos, o “pequeno shtetl” dos judeus, bairro dos letreiros em coreano, do foot-ball dos ingleses, dos sinos da igreja armênia, da identidade sul-americana dos bolivianos, da “Acrópole” dos gregos, dos nordestinos, dos comerciantes e dos sacoleiros, do café e da ferrovia que tornaram São Paulo uma metrópole – o Bom Retiro é um mapa-múndi engravado na cidade de São Paulo. (PROJETO IPHAN, 2005, p. 1).

São Paulo é um dos muitos lugares onde a procedência geográfica aparece tão misturada com processos de aumento e circulação demográficos, envolvendo imigrações e migrações capazes de ressignificar espaços, tradições, pensamentos e sentimentos.

Equilibrando-se nos trilhos da malha ferroviária, por onde se entoam expressões como: *Buona sera, Arrivederci, Grazie Mille, Cosa vuoi?, Tutto a posto e Oh, quanto mi dispiace!* evoca a ancestralidade das migrações italianas na região:

A Mooca devido à diversidade de uso compartilhado entre habitação, trabalho e serviços próximos sempre foi um dos bairros mais importantes e procurados pela população na Zona Leste de São Paulo. (BIANCA et al. 2008, p. 5-6).

Traçava-se, na morfologia da cidade, as opções pessoais e profissionais, as necessidades prementes do cotidiano, as demandas de uso urbano de serviços e moradias que contemplassem os deslocamentos internos até o trabalho ou o lazer.

Entremeados nessa discussão histórica que permeia a questão das origens, nossa opção metodológica para entendermos os movimentos de ruptura e continuidade da cidade de São Paulo, e mais especificamente seus bairros, faremos um movimento convexo no sentido de buscar “compreender o presente pelo passado” e, posteriormente, “compreender o passado pelo presente”. (BLOCH, 2002, p. 25).

Urbanidade plural em São Paulo: fluxo de imigrantes, arquitetura e trânsito de ideias

Inebriados nessa experiência sensorial, iniciamos nosso percurso mais pontual pelo Bairro de Santa Ifigênia, no final do século XIX e início do século XX, cuja hibridez de suas construções, reportando às várias fases de desenvolvimento socioeconômico ressoa pelas paredes e pelo chão de concreto, numa *démarche* histórica para compreender os impactos dos agentes humanos na cartografia socioespacial que abrange desde período da expansão cafeeira no oeste do estado até industrialização urbana.

Os trilhos de ferro por onde as locomotivas rugiam suas engrenagens em meio à fumaça no horizonte e produtos agrícolas em movimento marcaram, a partir de 1868, a travessia entre São Paulo e Santos, numa ação estruturada para o progresso econômico antevisto ao longo de oito anos com a Estrada de Ferro Santos–Jundiaí (São Paulo *Railway*).¹ Abrindo as comportas para que na década de 1870 fosse inaugurada a Estrada de Ferro São Paulo, Rio, enquanto a Cia. Paulista de Estradas de

Ferro partia de Jundiáí, alcançando Campinas e outras cidades da linha, a Sorocabana, a Ituana, a Mogiana seguiam seu destino conectando a cidade de São Paulo com as regiões cafeeiras mais importantes do estado. (BASTOS; SALLES, 2008, p. 2-3).

Observamos ainda que, no bojo dessas transformações, a paulatina substituição de mão de obra escrava pelo trabalho livre também incide sobre a demografia urbana dos fluxos (i)migratórios presentes nas informações constantes do Relatório do presidente da Província de São Paulo (1889, p.142):

Em cumprimento da Lei Provincial n. 1, de 3 de Fevereiro do anno passado, meu antecessor contractou com a referida Sociedade Promotora de Immigração a introduccção de sessenta mil immigrants, de procedencia européa, açoriana e canaria.

Por conta desse contracto já foram introduzidos até os primeiros dias de Dezembro 38,136 immigrants, tendo importado a despeza de transporte em 2,060:812\$500.

Além destes, entraram para a Província, com passagens pagas pelo Governo Geral, 1.000 famílias estrangeiras, compostas de 7.341 individuos, e 220 cearenses.

[...]

É preciso não esquecer que os 7.000:000\$000 levantados em Londres se destinaram principalmente á consolidação da divida já existente, feita com este serviço da substituição dos braços escravos. (1889, p. 142).

É um momento de exaltação das iniciativas para a implantação das colônias com imigrantes europeus, mas também aquela população advinda do interior do Brasil que busca, no mercado paulista, o fim de suas adversidades econômicas, pois

ahi estão florescentes colonias e um movimento immigratório incessante, regularmente organizado, tanto no modo de recepção como no de accommodação, para attestar que não foram sem proveito tantos esforços e sacrificios da Província. (RELATÓRIO, 1889, p. 142).

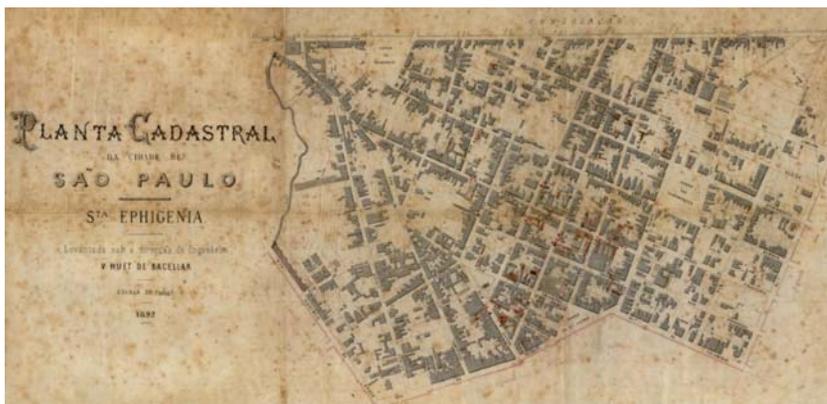
No exercício da função de entreposto comercial do decurso açucareiro ao cafeeiro das primeiras décadas do regime republicano, a

cidade de São Paulo recebe volumosa massa de recém-chegados oriundos de várias territorialidades que, em seu acolhimento, dedicam-se a atividades profissionais em bilhares, botequins, cocheiras, confeitarias, hotéis, hospedarias, lojas de roupas e de joias, livrarias e teatros, tendo, por proprietários, europeus² que se estabelecem entre os fazendeiros locais que rumam também para a cidade. (BASTOS, 2003, p. 75).

Ao mesmo tempo que se projetam conjuntos edificados harmoniosos, inspirados na arquitetura francesa empreendida pelo Barão de Haussman, prefeito de Paris no século XIX, também se verificam “zonas de transição”, ou seja, espaços cindidos que parecem confrontar-se em torno de interesses e grupos sociais distintos.

Elaborada pelo engenheiro V. Huet Bacellar, em 1892, a planta baixa cadastral da cidade de São Paulo, do Bairro Sta. Ephigenia (Figura 1) é um instrumento importante para o mapeamento espacial da localização das moradias, remontando à memória da cultura material local permeada por relações sociais envolvendo desenvolvimento e conflitos.³

Figura 1 – Planta cadastral da cidade de São Paulo (Bairro de Sta. Ephigenia), 1892



Fonte: Bacellar (1892). Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/viver/cesariomarcado.php>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

O tecido urbano no qual nos debruçamos está margeado pelas regiões da Consolação ao sul e da Sé a oeste. A composição espacial da planta nos revela um espaço formado por um quadrilátero no qual a ocupação dos bairros centrais por casebres, que compunham os cortiços que abrigam imigrantes de várias nacionalidades, pode ser identificada pelas marcas avermelhadas que vão do meio da Rua da Consolação até o final da Rua do Bom Retiro. O quarteirão ao final da Rua Santa Ephigenia, tanto ao sul quanto a oeste possui uma maior concentração de cortiços. Havia 16 cortiços na Rua Santa Iphigenia.

O nome do bairro, Santa Ifigênia, remonta ao início do século XIX com a criação da Freguesia (1809) ligada à Paróquia de Santa Ifigênia, numa região que comportava uma bifurcação para os Caminhos dos Pinheiros e Luz e abrigava as chácaras de Bom Retiro, Carvalho, Campo Redondo, Manfred Meyer, Miguel Carlos e do Brigadeiro Tobias, entre as quais a do Arouche se destacava. (ATHAYDE, 1999).

Nascido sob a proteção de um templo, também situado fora dos limites do núcleo central, mas que exerceu influências na vida de São Paulo, foi a rua de Santa Ifigênia, a atual igreja da padroeira datando de 1794, e a capelinha antecessora tendo sido a primeira que se construiu “além Anhangabaú”, segundo Nuto Sant’Anna.

A importância do templo decorre, exatamente, de sua posição, na variante do caminho dos Pinheiros, o outro ramo desse caminho dirigindo-se para a aldeia do Piqueri, pela margem esquerda do Tietê. Toponimicamente, o nome da santa se estendeu do templo ao terreno fronteiro, denominação que até hoje identifica o largo e todo o bairro. O aglomerado foi uma resultante da própria localização, aí, da igreja, num “lugar privilegiado, no alto do espigão sobre o vale do Anhangabaú”. Por isso, a concentração de moradores em torno, numericamente considerável a ponto de tornar Santa Ifigênia a primeira freguesia desmembrada da Sé, a mais antiga, como se sabe. (DICK, 1997, p. 179-180).

A Rua Santa Ifigênia, aberta em 1810 pelo Marechal Arouche de Toledo Rendon até a Rua Elesbão (atual Rua Aurora), concentrava a população mais abastada. A Rua dos Bambus (atual Avenida Rio Branco) era ocupada por estudantes, o que explica a existência de muitas *repúblicas* de estudantes onde moraram conhecidas personalidades que passaram pela Faculdade de Direito, como Afonso Arinos, Afrânio Melo Franco,

Melo Pimentel e Francisco de Andrade. (SCHVARZMAN, 1986). No que diz respeito às obras públicas realizadas nas imediações, comunicava a Exaltação do Governo do Estado de São Paulo, o seguinte:

Desse relatório consta o contracto que celebrei a 5 de Fevereiro com a Companhia S. Paulo Railway, em que esta obrigou-se: a abrir uma nova rua em terrenos do Jardim Publico, para communicar o bairro do Bom Retiro com o da Luz; a construir uma passagem inferior no prolongamento na rua do Bom Retiro, ligando assim aquelle bairro á cidade; a abrir o prolongamento das ruas Florencio de Abreu e Brigadeiro Raphael Tobias. (1890, p.19).

Havia nítida divisão do espaço entre as classes mais abastadas e as pobres, com a elite ocupando o chamado Campo Redondo (atual Campos Elíseos) e a Rua Florêncio de Abreu. Nos terrenos alagadiços do local – de baixo custo –, reuniam-se habitações precárias, casas de cômodos para aluguel e moradias simples. (SCHVARZMAN, 1986).

Os bairros populares eram caracterizados pela ausência de infraestrutura, presença do bonde nas ruas principais, exiguidade de espaços privados, excessiva aglomeração de construções nos lotes de terreno ao longo de várzeas inundáveis em volta dos trilhos da estrada de ferro. (CIRRINCIONE, 2010, p. 47).

O valor acessível dos terrenos das antigas chácaras que foram sendo desmembradas, o transporte coletivo e a presença de fábricas nas redondezas facilitando a chegada ao trabalho atraíram para esses bairros imigrantes pessoas sem muitas posses financeiras. Se a qualidade das habitações não era das melhores em termos estéticos, de conforto e segurança, ao menos, estrategicamente, estavam mais próximos do centro.

Figura 2 – Cortiço no bairro de Santa Ifigênia



Fonte: Ribeiro (s/d.). Disponível em: <<http://www.cvs.saude.sp.gov.br/up/Maria%20Alice.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2015.

A figura 2 deixa evidente a quantidade de crianças e mulheres no cortiço. Não se percebem homens na foto, o que pode indicar que a mesma tenha sido feita em um turno de trabalho fabril. As condições das moradias revelam sua precariedade.

Nessa região, nos primeiros anos da República, foram identificados 65 cortiços com cerca de 1.320 moradores de “todas as nacionalidades e condições”, que deveriam ser somados às 46 casinhas, 47 hotéis-cortiço, 48 sobrados-cortiço e 49 cômodos nos fundos das vendas usados como aposentos de aluguel. Localizavam-se nas Ruas General Osório (11), Gusmões (15), Duque de Caxias (2), Vitória (4), Aurora (1), Timbiras (3), Santa Ifigênia (16), Andradas (2), Triunfo (2), Protestantes (1), Guaianases (2), Conselheiro Nébias (1), Bom Retiro (4) e Largo dos Protestantes (1). (SCHVARZMAN, 1986).

A infraestrutura, para que a cidade se tornasse mais eficiente e *civilizada* para acolher aqueles que vinham do outro lado do oceano, melhorou entre 1870 e 1880 com a inauguração do transporte coletivo com tração animal (1872), da iluminação a gás (1872), da rede de água e esgoto (1883), do telefone (1884) e da luz elétrica (1888).

O aluguel das casas mantinha-se em torno de 15\$000 e 30\$000, e essas residências comportavam geralmente entre três e dois adultos, sendo que algumas abrigavam também um ou dois menores, totalizando 62 moradores.

As medidas arquitetônicas das habitações tinham entre 4,25m² e 3,55m² de frente, 3,5m² e 2,4m² de fundo e 3,5m² de altura, onde estabeleceram moradia os inquilinos Silvino Cassallo, Isabel Caro, Antonio do Souto, Francisco Nicola, Elias Salgado, Adriano, Jozé Galeão, Domingos Jozé de Barros, Manoel Gonçalves Areeiro, Antonio Sobral e Jozé Orca. Havia 14 inquilinos que não foram identificados nos registros. (Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/viver/fichacesario.php?chave=67>>).

No mesmo perímetro, sobre a Casa de Pensão Rua Bom Retiro ns. 37 e 37A, consta como de propriedade de Victorino Francisco ou Franco, abrangendo sete casas com 17 habitantes. Nas observações constam: venda e restaurante na frente. Tinham ainda como prescrições: melhorar a cimentação da área junto ao ralo e melhorar a latrina.

As medidas arquitetônicas delas atingiam entre 4,7m² e 2,65m² de frente, 3,8m² e 2,4m² de fundo e 3,05m² e 2,5m² de altura, tendo somente por inquilino identificado o português Antonio Maria Alves. Essas residências comportavam entre cinco e dois adultos, sendo que uma abrigava também um menor. Havia ainda uma observação com o valor de 150\$000 por excesso de lotação. (Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/viver/fichacesario.php?chave=68>>).

O cortiço Rua Bom Retiro n. 64, com 10 casas, era de propriedade de Francisco da Fonseca, tendo como locatário encarregado Antonio Augusto Pereira. O aluguel das casas era de 40\$000. Nas observações consta: a cozinha carece de reforma e asseio. Como prescrições: ladrilhar a cozinha, assentar chaminé, fazer pintura e caiação. Abrir ventilador no quarto.

As medidas arquitetônicas das residências somavam 3,2m² de frente, 4,8m² de fundo e 3,5m² de altura. Com uma área livre de 41,9m x 1,8m = 75,42m², a área construída media 201,12m², e as residências comportavam 36 habitantes, entre dois e quatro adultos, sendo que algumas abrigavam também entre um e quatro menores. Há registro de dois excessos de lotação.

Ocupavam essas habitações os inquilinos Antonio da Cunha (português), Francisco Panca (italiano), Placo João (italiano), Ramiro Augusto da Costa (português), Julião Fernandes (português), Pascoal Arrucci (italiano), Manoel Joaquim Guedes (português) e Balbina de S. João (portuguesa). (Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/viver/fichacesario.php?chave=69>>).

O cortiço Rua Bom Retiro n. 68, com sete casas, tinha como proprietário o Major Benedicto, sendo Manoel da Silva Sanctos o locatário encarregado. O aluguel das casas mantinha-se em torno de 20\$000 e 30\$000 e, nas observações consta: a cozinha carece de melhoramento. Como prescrições: fazer a caiação, reformar o fogão e ladrilhar a cozinha.

As medidas arquitetônicas somavam 3m² de frente, 5,4m² de fundo e 3,5m² de altura, tendo uma área livre de 22,43m² x 5,25m² = 117,76m² e as residências comportavam 24 habitantes, entre um e quatro adultos, sendo que algumas abrigavam também entre um e três menores. Há registro de um excesso de lotação.

A divisão tipológica das construções (A, B, C, etc.), a escolha do material de construção, a quantidade de pavimentos e cômodos, o tamanho da área ocupada, a localização, entre outros aspectos, ao mesmo tempo que assinalavam para a diversidade das soluções construtivas influenciadas pela arquitetura moderna (CIAM), eram elementos que apontavam para uma possível hierarquização do tipo de habitação chamada de “popular” no período. Nesse sentido, diferenciavam-se e hierarquizavam-se também aqueles que seriam os moradores desejados nessas construções. (CORDEIRO, 2008, p. 13).

Nessas habitações residiram os inquilinos Pietro Cambarini (italiano), Angelo Agostini (italiano), Maria de Jesus Alves (portuguesa), Catharina Fachini (italiana), Antonio Massagli (italiano), Benedicto (brasileiro) e José Victorio dos Santos (português). (Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/viver/fichacesario.php?chave=71>>). Esse quantitativo expressivo de estrangeiros explica que, entre 1882 e 1888, foram requeridos, ao governo da Província de São Paulo, 956 naturalizações, almejando tirar a “carta de brasileiros”, conforme consta no Relatório da Província de 1889 (p. 13), sob a presidência do Dr. Pedro Vicente de Azevedo.

Alguns bairros centrais são mais marcados do que outros, da presença imigrante, como é o caso do Bairro de Santa Ifigênia. As nacionalidades predominantes seriam os portugueses, italianos e espanhóis, mas São Paulo recebe desde finais do século, etnias provenientes de diferentes partes da Europa do Norte, Central e do Leste, além dos japoneses a partir de 1908, judeus e sírio-libaneses e mais recentemente, coreanos, bolivianos e toda uma gama de latino-americanos e migrantes nacionais a partir da década de 20 do século XX. (BASTOS; SALLES, 2008, p. 3).

As incursões de imigrantes nessa territorialidade terminam por compor cartografias de identidades culturais diluídas, cuja necessidade de sobreviver aos desafios do dia a dia, de vencer os obstáculos à qualidade de vida, de persistir no sonho de oportunidade e crescimento cria redes de solidariedade, de compartilhamento de experiências e de auxílio mútuo, levando homens e mulheres a *crescer* e a se *diversificar* como pespointos do próprio tecido urbano.

Na chamada *Belle Époque* paulistana, o núcleo central da cidade e suas adjacências foram as primeiras áreas a sentir as dimensões dessas transformações. Espaços e edificações desapareceram ou foram remodelados. Formas de vivência e habitação na cidade foram prescritas como ilegais/irregulares pela legislação urbano-sanitária e pelos códigos e ações policiais. (CORDEIRO, 2010, p. 11).

Na virada do século XIX ao XX, inúmeros monumentos como a Estação da Luz, a Estação Júlio Prestes, a Pinacoteca do Estado, a antiga sede do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), a Igreja de São Cristóvão, o Parque da Luz foram construídos em Santa Ifigênia.

O conjunto de edificações indicadas pelo Condephat para o tombamento em 1986 pode ser dividido, em linhas gerais, em três grupos: os situados na rua do Triunfo, os da rua de Santa Efigênia e os situados nas proximidades da Estação da Luz (ruas Mauá, General Couto de Magalhães e Cásper Líbero). Nos três casos predominam as edificações ecléticas, somadas a algumas art nouveau e art déco, variando os usos (habitação, comércio, hotel) e o gabarito (entre um e quatro andares), construídas no alinhamento. Foram privilegiadas as edificações

que estavam em bom estado de conservação e que apresentavam certo grau de “autenticidade”. Também foram preservadas as edificações de esquina, ornamentadas e imponentes como os congêneres construídos na Paris haussmanniana. Nos arredores da Estação do Luz (rua Mauá com avenida Cásper Líbero) encontram-se os edifícios destinados à hotelaria, com dois andares, ornamentados, e construídos em grandes lotes, causando maior impacto visual. (FRANCO, 2013, p. 10).

A política de urbanização da cidade de São paulo, baseada em discursos de progresso arquitetônico e higienismo, ganhava território causando segregações sociais que terminavam por marginalizar os imigrantes de outras nações, trabalhadores das indústrias na região. Essa exclusão feita inicialmente com os escravos recém-libertos passou a fazer parte do *modus operandi* de governantes que legavam aos novos proletários muitas das mazelas da escravidão. Embora as ideias novas chegassem com os imigrantes – o anarquismo, o socialismo, a defesa da liberdade e da igualdade tão propaladas na Europa – no Brasil a mentalidade escravocrata ainda imperava nos “feitos da modernidade”.

Numa sociedade marcada por grande desigualdade social, como a nossa, a distribuição de pessoas e atividades no espaço urbano é feita segundo a lógica de separação das populações de acordo com o seu status social, que se traduz em grandes diferenças de qualidade entre as áreas urbanas. (FONSECA, 2011, p. 119).

Persistiam em Santa Ifigênia, mesmo no século XX, as memórias de um espaço erguido para uma fruição elitizada no Parque da Luz, na Pinacoteca e na Igreja de São Cristóvão e, ao mesmo tempo, de um espaço de ordem e controle sociais representado pelo prédio do Dops.

Considerações finais

São Paulo é uma cidade cosmopolita, um espaço de trocas culturais, de idas e vindas, de abrigo de diversidades nacionais e internacionais, por isso também um território de conflitos, de choque de ideias, de avanços e recuos em sua ocupação urbana.

As habitações nos cortiços revelam a complexidade da busca por uma centralidade que abrigue seus trabalhadores mais proximamente de seus ofícios, mas que, ao mesmo tempo, refletem o baixo investimento do Poder Público nessas áreas por considerá-las de baixa renda, mantendo-as carentes de infraestrutura e serviços de qualidade. A modernização de vários pontos da cidade de São Paulo era dispersa e não conferia grau de satisfação e urbanidade em todas as áreas.

A região de Santa Ifigênia, particulamente povoada por imigrantes portugueses e italianos vindos para os trabalhos fabris, era um local de encontros e tensões. Por ali havia insalubridade e solidariedade, precariedade e sobrevivência cotidianas. E, mesmo assim, a diversidade cultural resistia e fincava raízes naquele solo tão árido, de pessoas tão férteis.

Notas

¹ É interessante chamar a atenção para o fato de que na Exaltação do Governador de São Paulo de 1890 (p. 20), Prudente de Moraes, ainda se pedem muitos privilégios como a abertura de novas estradas de ferro e salienta-se, no relatório, os 14 pedidos referentes à abertura de uma nova estrada que ligue o porto de Santos ao interior do estado, revelando as disputas em torno dessa empresa. Ainda: as situações imbricadas em conflituosos interesses político-econômicos que requerem a mediação do poder governista aparecem nas palavras do presidente da Província: “A conveniencia de uma segunda via ferrea, ligando o interior do Estado ao porto de Santos, parece estar geralmente reconhecida pela insuficiencia da linha ingleza para

satisfazer as necessidades da crescente exportação e importação, e para livra-las do monopolio que importa a existencia de uma via única.”

² Ressalta-se que o desenvolvimento industrial em São Paulo é demarcado no contexto de uma intensa atividade entre 1920 e 1938, quando a Primeira Guerra Mundial cessou a importação de produtos vindos da Europa, impelindo o mercado interno a buscar alternativas para evitar o declínio econômico-industrial. Essa conjuntura fez com que São Paulo superasse o Rio de Janeiro, tornando-se muito mais atrativa a investimentos e à moradia de estrangeiros.

³ De acordo com Robson Silva (2011): “Nas primeiras décadas do século XX, a

cidade São Paulo se transformou numa verdadeira arena de disputas e conflitos por espaços e territórios entre as classes sociais, onde prevaleceram aqueles privilegiados que tinham maior poder político e econômico.” Todavia, identifica-se que, ainda no final do século XIX, os

discursos higienistas e arquitetônicos no Relatório da Comissão de exame e inspeção das habitações operárias e cortiços no districto de Sta. Ephigenia, de 1893, já apontavam para relações sociais excludentes e combates pela ocupação do espaço.

Referências

ATHAYDE, Jorge Clóvis de. *Santa Ifigênia*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1999.

BACELLAR, V. Huet de. *Planta Cadastral da Cidade de São Paulo (Sta. Ephigenia)*. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/viver/cesario_marcado.php>. Acesso em: 18 jan. 2014.

BASTOS, Sênia. Hospitalidade e história: a cidade de São Paulo em meados do século XIX. DENCKER, A.; BUENO, M. S. (Org.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2003.

BASTOS, Sênia; SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. História urbana e hospitalidade: o Bairro de Santa Ifigênia/ São Paulo. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO, 19., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo, USP, 2008, p. 1-12. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Senia%20Bastos.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

BIANCA, Karlene; MACEDO, Adilson Costa; BOGÉA, Marta Vieira. Morfologia urbana da Mooca. *Iniciação Científica – Revista Eletrônica*, ano II, n. 2, p. 5-7, ago. 2008. Disponível em: <ftp://ftp.usjt.br/pub/revistaic/pag05_edi02.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2014.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

CIRRINCIONE, Alessandra. *Brás, Bexiga/ Bela Vista, Barra Funda: estudo antropológico*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – USP, São Paulo, 2010.

CORDEIRO, Simone Lucena (Org.). *Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitário e urbanização (1893)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

CORDEIRO, Simone Lucena. Projetos e iniciativas sobre a habitação popular em São Paulo. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 29, p. 1-24, 2008. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/>

materias/anteriores/edicao29/materia03/texto03.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2015.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1997.

EXPOSIÇÃO apresentada ao Dr. Jorge Tibiriçá pelo Dr. Prudente J. de Moraes Barros, 1º governador do Estado de São Paulo, no dia 18 de outubro de 1890. São Paulo, Typ. Vanorden & Comp., 1890. p. 1-54. (Inclui anexos). Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/s%C3%A3o_paulo>. Acesso em: 10 jul. 2014.

FONSECA, Maria de Lourdes Pereira. São Paulo: uma nova urbanidade para a metrópole? In: REIS, Almir Francisco (Org.). *Arquitetura, urbanidade e meio ambiente*. Florianópolis: Edufsc, 2011. p. 115-136.

FRANCO, Herta. Políticas de preservação e construção da memória urbana: o caso de Santa Efigênia (SP). *Revista CPC*, São Paulo, n. 16, p.7-35, maio/out. 2013. Disponível em: <[file:///C:/Users/bom%20dia/Downloads/68641-90691-1-SM%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/bom%20dia/Downloads/68641-90691-1-SM%20(2).pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2014.

PROJETO IPHAN. *Multiculturalismo em situação urbana: inventário das referências culturais do Bairro do Bom Retiro*. 9ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

em São Paulo; Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria da Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 2005. p. 1.

RELATORIO apresentado á Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo pelo presidente da provincia, dr. Pedro Vicente de Azevedo, no dia 11 de janeiro de 1889. São Paulo, Typ. a Vapor de Jorge Seckler & Comp., 1889. p. 9-156. (Inclui anexos). Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/s%C3%A3o_paulo>. Acesso em: 10 jul. 2014.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Inquérito sobre as habitações operárias e os cortiços do Distrito de Santa Ifigênia (1893): um antecedente do Código Sanitário do Estado de São Paulo de 1894. *Seminário: 120 anos de Legislação Sanitária: os muitos percursos do desenvolvimento paulista (1894 a 2014)*. Disponível em: <<http://www.cvs.saude.sp.gov.br/up/Maria%20Alice.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2015.

SCHVARZMAN, Sheila. *Inventário de Santa Ifigênia*. São Paulo: Condephaat, 1986.

SILVA, Robson Roberto da. São Paulo: uma cidade no processo de segregação sociocultural e urbanístico no início do século XX. *História e-história*, 20 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.historia.ehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=416>>. Acesso em: 18 nov. 2014.